

MACHADO DE ASSIS E JANE AUSTEN NA HISTÓRIA DA *LITERATURA*

MACHADO DE ASSIS AND JANE AUSTEN IN THE HISTORY OF LITERATURE

Gyzely Suely Lima¹

Resumo:

O objetivo deste estudo é fazer um levantamento da crítica historiográfica de dois escritores em especial, o brasileiro Machado de Assis e a britânica Jane Austen. Queremos analisar a hipótese de que esses dois autores apesar de distanciados no tempo e culturalmente, se aproximam ao identificarmos semelhanças nas narrativas *Iaiá Garcia* e *Pride and Prejudice*.

Palavras-chave: Machado de Assis, Jane Austen, historiografia.

Abstract:

This study aims to points out how the critics have analyzed especially two writers throughout the historiography, the Brazilian Machado de Assis and the British Jane Austen. Both authors are far apart almost one century besides that the cultural facts should be their striking feature. However we consider Machado and Austen may have similarities in two specific romances: *Iaiá Garcia* and *Pride and Prejudice*.

Key-words: Machado de Assis, Jane Austen, historiography.

¹ Graduada em Letras e Mestranda em Teoria Literária – UFU. E-mail: teachergyzely@yahoo.com.br

O Romantismo como movimento literário surgiu na Alemanha e na Inglaterra no final do século XVIII e predominou na primeira metade do século XIX. No Brasil, o estilo literário teve início em 1836 e se desenvolveu inicialmente num contexto histórico repleto de transformações políticas e sociais desencadeadas com a vinda da família real para o Rio de Janeiro. Igualmente, na Europa, esta escola literária está relacionada a grandes mudanças provocadas pela Revolução Francesa e pela Revolução Industrial. Estes dois acontecimentos sociais foram responsáveis pela consolidação de uma nova classe social, a burguesia, que se infiltrou paulatinamente na aristocracia e começou a dominar a vida política, social e econômica.

O Romantismo brasileiro repete as mesmas características do europeu, tais como: a liberdade de criação motivada pelo Iluminismo, o sentimentalismo, a supervalorização do amor, o mal-do-século, a evasão no tempo, a exaltação da nacionalidade, a religiosidade cristã, a escolha de heróis grandiosos, dentre outros. No entanto, nossos escritores tinham a consciência da necessidade de criar uma literatura que traduzisse a realidade brasileira. Por isso, há características específicas no Romantismo que aqui se desenvolveu.

Este trabalho se propõe a reconstituir os debates historiográficos da literatura brasileira sobre a primeira fase de produção artística de Machado de Assis, considerada romântica, e reunir as críticas literárias sobre Jane Austen no Romantismo inglês. Este estudo torna-se indispensável para se fazer posteriormente uma análise comparatista e identificar a movimentação das temáticas (do casamento, do conflito doméstico, do comportamento da mulher) na literatura inglesa no romance *Orgulho e Preconceito* e na literatura brasileira em *Iaiá Garcia*. A historiografia literária possibilita traçar um caminho mais apropriado rumo à tentativa de verificar se há algum processo de ‘reambientação’, de absorção e transformação, desses temas na obra de Machado de Assis.

Vale sublinhar a formulação de Antonio Candido segundo a qual a dialética entre o “localismo e o cosmopolitismo constitui uma lei da evolução da vida espiritual do Brasil” corresponde a uma coordenada fundamental sobre a qual devemos nos apoiar para refletir não somente sobre a literatura brasileira, mas também sobre a literatura latino-americana. Esse conceito integrado por Ana Pizzaro resulta na afirmação de que “*a literatura comparada latino-americana deve assumir*

a tarefa de colocar em evidência os complexos processos de ressemantização, que um continente como o nosso oferece, por razões óbvias, de maneira tão aberta a partir da pluralidade dos processos transculturais”. (NITRINI, 2000, p124). Há o reconhecimento da operacionalidade da intertextualidade para as análises que mostram a riqueza do processo criativo-assimilador dos elementos de outras literaturas pelas literaturas latino-americanas.

JANE AUSTEN NA LITERATURA INGLESA

Dentre as várias escritoras inglesas, Jane Austen (1775- 1817) traz inovação no seu trabalho e recebe lugar de destaque na literatura a partir século XVIII por descrever um mundo doméstico em suas obras. “É o mundo das casas dos nobres e abastados da província, cuja vida rotineira segue indiferente às convulsões sociais que agitam a Inglaterra”. (CEVASCO, 1999, p.52) Assim, sua obra literária impulsionou o romance inglês para a modernidade. Posteriormente, a crítica veio a considerá-la a primeira romancista moderna da literatura inglesa.

A trivialidade de assuntos de Jane Austen, sua iro-

nia sutil, sua economia narrativa e seus diálogos espontâneos fazem de cada incidente, de cada diálogo uma peça fundamental na estrutura dos romances. O estilo dela é de aguda percepção psicológica ao criar personagens reais, com vícios e virtudes, revelando sempre uma ironia dissimulada pela leveza da narrativa, que possui um tom irônico e na qual os sentimentos são contidos.

Dentre as diversas obras da escritora, uma, em particular, torna-se objeto de estudo aqui, devido à representatividade da mesma na produção literária da escritora inglesa, *Orgulho e Preconceito* (*Pride and Prejudice*). Esta é sua obra mais conhecida, e foi inicialmente malvista pelos editores, mas esse fato não foi obstáculo para a autora publicar, quatorze anos depois, sob um pseudônimo, o romance *Razão e sensibilidade*.

A obra *Orgulho e Preconceito* relata como o amor dos protagonistas é forte o bastante para superar barreiras de orgulho e preconceito, da diferença social entre eles e do escasso poder de decisão concedido à mulher na sociedade da época. Nesta obra, o diálogo predomina, refletindo a criatividade e a habilidade de captação psicológica da escritora. A temática feminina é polêmica por estar relacionada com os desejos femininos de ascensão social e de amor que se entrelaçam

nos dilemas familiares.

Orgulho e Preconceito tem sido traduzida para várias línguas estrangeiras e adaptada para o teatro, para a ópera e para vários filmes e televisão. A mais recente adaptação cinematográfica produzida foi lançada em 2005, e recebeu indicações para o Oscar para as categorias de atriz, figurino, direção de arte e trilha sonora. Há dois séculos inteiros, leitores e espectadores continuam sofrendo com a trama vivida por Elizabeth e Mr. Darcy, os quais parecem impossibilitados por uma série de fatores sociais de se entregar ao amor que sentem um pelo outro.

MACHADO DE ASSIS NA LITERATURA BRASILEIRA

Segundo Candido (2007) Machado de Assis (1839-1908) era dotado de raro discernimento literário e adquiriu por esforço próprio uma forte cultura intelectual, baseada nos clássicos, mas aberta aos filósofos e escritores contemporâneos. Apesar da condição social modesta, impôs-se aos grupos dominantes pela originalidade de sua obra e o vigor da personalidade discreta, chegando a um reconhecimento público que raros es-

critores conseguiram no Brasil. Ainda em sua época, o escritor foi considerado a figura mais importante das letras e objeto de uma veneração quase sem exceções.

A crítica literária classifica a produção literária de Machado de Assis em duas fases, sendo a primeira vinculada ao Romantismo e a segunda a partir de 1881, com a publicação do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, constituinte do estilo literário Realista. Publicado em 1878, o romance *Iaiá Garcia* se insere naquela fase romântica do autor e apresenta um enredo baseado no conflito doméstico gerado em torno do amor e casamento.

As personagens Jorge e Estela se amam, porém vários obstáculos se interpõem no decorrer da narrativa. Dona Valéria, mãe do rapaz, é uma viúva rica, não quer para seu filho uma esposa pobre e sem lustro social. Estela era órfã de mãe e filha de um ex-contador da família de Jorge cujo falecido pai lhe tinha consideração. A moça tem consciência dos preconceitos da sociedade da época e rejeita o amor de Jorge apesar de ser apaixonada por ele. Logo, o romance relata os juízos sociais de valor e moral que permeiam aquele contexto e como os mesmos impedem que o amor desse casal se concretize e se consolide. Portanto, nessa obra, encontra-se o que

Candido caracteriza como sendo a capacidade que Machado tem de fundir frieza e paixão, serenidade e revolta, elegância e violência, fazendo da escrita desse autor um prodígio de elaboração uma vez que é moderna e despojada dos acessórios.

CRÍTICA HISTORIOGRÁFICA SOBRE MACHADO

Em 1873, o escritor brasileiro publicou o ensaio *Instinto de Nacionalidade*, o qual apresenta:

um balanço das tendências nacionalistas, sobretudo o indianismo, mostrando que a absorção dos temas locais foi um momento a ser superado, e que a verdadeira literatura depende não do registro de aspectos exteriores e modismos sociais, mas da formação de um ‘sentimento íntimo’ que embora fazendo do escritor um homem ‘do seu tempo e do seu país’, assegure a sua universalidade.(CANDIDO, 2007, p. 67-68)

Percebe-se a inteligência crítica de Machado que tinha uma noção precisa do processo literário brasileiro.

Candido (2007) afirma que um dos traços salientes da narrativa de Machado de Assis é o afastamento

das modas literárias, que lhe permitiu grande liberdade no tratamento da matéria. Ele é um continuador *sui generis* de Joaquim Manuel Macedo e José de Alencar, quanto ao tipo de sociedade incorporada à ficção. Mas se afasta deles na qualidade do estilo e na singularidade do olhar. A sua linguagem não tem a banalidade de um nem a ênfase do outro: tem a simplicidade densa que é produto extremo do requinte e a fascinante clareza que encobre significados complexos, de difícil avaliação.

O desenvolvimento da crítica literária nos tempos de Machado de Assis é orientada pela divulgação científica e pelos teóricos positivistas ou naturalistas, como Taine, que influenciaram mais de uma geração brasileira.

O próprio Machado de Assis escreveu uma significativa crítica literária no seu tempo e retratou as angústias e questionamentos numa época em que a literatura brasileira deveria encontrar a sua própria identidade e o que a caracterizasse como nacional. Em 1865, Machado publicou o artigo *O ideal do crítico* e declarou que o julgamento de uma obra, cumpre-lhe meditar profundamente sobre ela, procurar-lhe o sentido íntimo, aplicar-lhe as leis poéticas, ver enfim até que ponto a imaginação e a verdade conferenciam para aquela produção. Vale destacar a seguinte citação sobre o esta-

belecimento da crítica literária segundo o autor:

Estabelecei a crítica, mas a crítica fecunda, e não a estéril, que nos aborrece e nos mata que não reflete nem discute, que abate por capricho ou levanta por vaidade; estabelecei a crítica pensadora, sincera, perseverante, elevada, - será esse o meio de reerguer os ânimos, promover os estímulos, guiar os estreantes, corrigir os talentos feitos; condenai o ódio, a camaradagem e a indiferença, - essas três chagas da crítica de hoje, - ponde em lugar deles, a sinceridade, a solicitude e a justiça, - e só assim que teremos uma grande literatura. (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 01)

É inevitável não associar as palavras do escritor aos trabalhos de críticos contemporâneos dele, como Silvio Romero e José Veríssimo, os quais foram responsáveis pelas primeiras análises críticas da produção artística de Machado de Assis. Candido (2007) utiliza adjetivos um tanto pejorativos ao se referir ao sergipano Silvio Romero (1851-1914) como um mau crítico, ruidoso, combativo, forte agitador de idéias. Contudo ele reconhece que como um historiador literário de vistas amplas, Romero foi um motor eficiente de modernização ao preconizar o estudo da literatu-

ra pelos fatores externos e a personalidade do autor. Assim, Silvio Romero, que defendia uma crítica sociológica, vinculou a história literária a uma teoria da sociedade e da cultura com base no conceito de raça, que era tão decisivo no pensamento.

Em sua obra intitulada *Machado de Assis*, Romero apresenta uma periodização da obra machadiana e tece críticas a respeito de Machado referindo-se ao seu romantismo comedido e sóbrio, julgando-o a partir do critério de nacionalismo. Faz-se necessário abrir um espaço nesse ponto para explicitar como Candido descreve, em *Formação da Literatura Brasileira*, o envolvimento dos escritores brasileiros no projeto de construção da literatura nacional o qual se revela metodologicamente mais importante do que o reconhecimento de sistema e seu funcionamento.

Depois da Independência o pendor se acentuou, levando a considerar atividade literária como parte do esforço de construção do país livre, em cumprimento a um programa, bem cedo estabelecido, que visava a diferenciação e a particularização dos temas e modos de exprimi-los. Isto explica a importância atribuída, neste livro, à tomada de consciência dos autores quan-

to ao seu papel, e à intenção mais ou menos declarada de escrever para a sua terra, mesmo quando não a descreviam. (ZIBERMAN, 2006, p.46)

No seu próprio artigo crítico de 1873, *Instinto de Nacionalidade*, Machado discorre sobre esse assunto afirmando que quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há como negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro.

Reconhecido o instinto de nacionalidade que se manifesta nas obras destes últimos tempos, conviria examinar se possuímos todas as condições e motivos históricos de uma nacionalidade literária, esta investigação (ponto de divergência entre literatos), além de superior às minhas forças, daria em resultado levar-me longe dos limites deste escrito. Meu principal objeto é atestar o fato atual; ora, o fato é o instinto de que falei, o geral desejo de criar uma literatura mais independente. (MACHADO DE ASSIS, 1873, p. 01)

Silvio Romero atesta a falta de vivacidade na obra

machadiana cujo autor é um moralista irônico e repetitivo. Esta última característica é um reflexo da falta de fluência da língua nativa uma vez que Machado de Assis era gago. O crítico destaca Machado como um representante da sub-raça brasileira por ser um mulato, neto de escravos alforriados, epilético e nascido em uma família pobre no Rio de Janeiro. Ainda, Romero afirma que o humorismo de seus escritos surge da falta de posição de Machado de Assis em relação as correntes filosóficas da época e sua obra é eminentemente pessoal e longe das correntes literárias.

Encontramos no ensaio *110 anos de crítica literária* de Letícia Mallard uma possível explicação para as ferrenhas considerações da obra de Machado de Assis por Sílvio Romero.

Assim, o sergipano praticava um tipo de crítica polêmica, porque baseado na vingança literária. Que vingança foi aquela? Anos antes, Machado havia escrito um artigo em que acusava Romero de exagerar demasiadamente a importância de um movimento literário do Recife. E declara este, nas primeiras linhas do prefácio de sua obra *Machado de Assis*: ‘Não retruquei e o faço agora’. Antes de sair o livro, Romero tinha sido

convidado para a solenidade de instalação da Academia, recebendo uma Cadeira fundadora. É claro que Machado ficou aborrecidíssimo. Veio em seu socorro outro acadêmico – Lafayette Rodrigues Pereira – que escreveu um livro para defender o presidente Machado de Assis. (MALLARD, 2008, p.117)

José Veríssimo (1857- 1916) representa a crítica literária estética imanente ao texto. Em sua publicação *Estudos de Literatura Brasileira* de 1907, ele fala mal da história da literatura de Romero e, desde então, se trava uma briga torta entre a Sociologia e a Estética. Candido (2007) caracteriza Veríssimo como estudioso honesto e equilibrado que procurou nortear a análise pela composição e a linguagem, embora num sentido às vezes demasiado gramatical. Como crítico ele exerceu constantemente nos jornais o comentário de livros com grande senso de responsabilidade, produzindo no Brasil a primeira obra crítica que funcionou como testemunho da produção de cada dia.

Mallard conclui que mesmo sem instrumentais teóricos à disposição da crítica da época, Veríssimo deu um passo importante em relação a Romero, quando privilegiou o fator estético. No entanto, peca pelo subjetivismo, pela avaliação do simples prazer despertado

pela obra. Essa falta de critérios, bem como o caráter impressionista, levou Veríssimo à incompreensão e à recusa de movimentos estilísticos, como o Simbolismo, e de autores hoje canônicos, como Cruz e Sousa. A grande obra de Veríssimo é a *História da Literatura Brasileira*, na contramão da História de Romero. Graças a uma extrema sensibilidade e a análises do texto em si, apesar das avaliações impressionistas, pode-se dizer que essa *História* tem indiscutível atualidade.

José Veríssimo declara que a obra machadiana surge com um caráter impessoal que foge do projeto nacional, ela adquire uma forma fantasiosa, velada, obscura, rebuscada e de cunho psicológico. Por ser Machado de Assis um homem de letras distante da agitação social, Veríssimo o caracteriza como artista - observador que não se posiciona como um vulgar pintor de paisagens e ambientes, mas tem o seu foco no homem. O crítico exalta Machado pela sua precisão, elegância, espírito original de romancista que não se entrega as escolas literárias.

Há mais três gerações de críticos literários da obra machadiana que fazem releituras de Machado de Assis de acordo com as mudanças de perspectivas conceituais e as filosofias em voga em cada época.

Destacamos alguns estudiosos e seus comentários sobre a obra romântica de Machado.

A segunda geração da historiografia literária brasileira foi influenciada pela ascensão da psicanálise no país. Augusto Meyer apresenta uma crítica da produção artística de Machado de Assis em 1930 que era baseada na biografia do autor e na análise psicanalítica, logo, a obra confunde-se com a própria biografia do escritor - o homem pela obra.

Lucia Miguel Pereira (1936) afirma que a imagem de homem frio, indiferente e passivo aponta anteriormente por críticos é falsa. Assim, a autora subverteu a imagem de homem sem paixões de Machado de Assis. A fase dessa crítica é a leitura psicológica na busca de clarear os fatos biográficos. Segundo Lucia Pereira a obra é uma projeção social de época do autor e nos primeiros livros a aspiração de ascensão social do próprio autor e retratada pelas figuras femininas.

Afrânio Coutinho (1959) é um dos representantes da terceira geração e analisa a evolução do escritor em sua produção literária. O crítico afirma que Machado de Assis é bebedor do Romantismo e reconhece que a sua obra literária é semelhante à vida do escritor, mas não mera cópia dela. Outro estudioso de Machado é

Antonio Candido (1959) cujo cunho marxista está presente em sua crítica da obra. Candido reconhece que o projeto nacional é obscuro na produção do escritor e aponta que o caráter nacional da obra de Machado está na exploração dos temas existenciais na sociedade brasileira da época.

Na quarta geração, se encontra Alfredo Bosi (1999) que destaca os aspectos de universalidade da obra machadiana e considera que o olhar de Machado passa pela fenda das relações sociais as quais são universais. O ofício crítico de Bosi, no esteio da Cultura, se sustenta neste tripé: o viés histórico, a perspectiva estética e a matriz ideológica.

As pesquisas nessa área têm consolidado a abordagem de um novo Machado de Assis cujos textos são lugares de memória.

CRÍTICA HISTORIOGRÁFICA SOBRE AUSTEN

Ruoff (1999) afirma haver duas justificativas claras para estudar e considerar a escritora inglesa Jane Austen no Romantismo Inglês: discutir Austen seja como uma figura fora dos limites da história da literatura, seja como uma autora remanescente do estilo literá-

rio anterior, não é totalmente um exercício satisfatório; e omitir Jane Austen dos debates gerais do Romantismo inglês empobrece nosso entendimento do fenômeno.

Jill Heyd – Stevenson sugere uma leitura mais complexa que argumente sobre a construção de uma identidade nacional que possa convergir com os argumentos de construção da feminino e do ambiente. Quando analisamos essa convergência, nós achamos que Austen explora a junção entre os limites/ fronteiras da liberdade pessoal concedida a mulher e aqueles (limites) impostos pelo próprio ambiente.²(RUOFF, 1999, p.24)

William Galperin é conhecido principalmente pelo seu estudo em poesia romântica e tem contribuído na crítica da obra de Austen ao analisar o que acontece quando Jane Austen entra para o cânone Romântico inglês. Ele afirma que um veredicto geral parece ser facilmente alcançado: por ter sobrevivido a negligência de críticos do período romântico, Aus-

ten deveria ser capaz de sobreviver à nossa atenção da mesma forma. Logo, percebe-se que a produção artística de Jane Austen foi considerada insignificante na tradição literária inglesa por alguns críticos e que, depois de algum tempo, os estudiosos a tem retomado e feito releituras de suas obras e firmado considerações distintas daquelas de séculos atrás.

De acordo com Bloom (2001) o cosmos literário de Austen centrava-se em seus precursores no romance, Samuel Richardson e Henry Fielding, e no Dr. Johnson. Não há indícios de que ela tenha lido Wordsworth, mas alguns de seus romances partilham algumas preocupações com ele. Stuart Tave e Barber afirmam que a ironia de Jane Austen é bastante shakespeariana. O segredo de sua personagem combina ironia austeniana com um senso wordsworthiano de esperança adiada. Jane tem uma boa dose da inigualada capacidade de Shakespeare de dar-nos pessoas, maiores e menores, absolutamente consistentes em seu modo de falar, e, no entanto inteiramente diferentes umas das outras.

Elizabeth Bennet (protagonista de *Orgulho e Preconceito*) é um exemplo das heroínas de Austen que manifestam vontade protestante como descendentes di-

² Tradução minha de: Heyd- Stevenson suggest a more complex reading: “arguments about construction of a national identity converge with arguments about the construction of womanhood and the construction of landscape. When we examine this convergence, we find that Austen explores the junction between the bounceries of personal liberty allowed to women and those allowed to landscape itself.” (RUOFF, 1999, p.24)

retas da Clarissa Harlowe, de Samuel Richardson, com o Dr. Johnson rondando por perto como autoridade moral. Segundo Bloom a crítica marxista inevitavelmente encara a visão protestante, mesmo em suas manifestações literárias, como uma questão mercantil, e está cada vez mais recorrente os estudos sobre as realidades sócio-econômicas que Jane Austen exclui, como a escravidão nas Índias Ocidentais que é parte da base última da segurança financeira desfrutada pela maioria de suas personagens.

O filósofo transcendentalista norte-americano Ralph Waldo Emerson antecipou a atual crítica marxista de Jane Austen quando a denunciou como uma simples conformista que não deixava suas heroínas atingir a verdadeira liberdade da alma das convenções sociais. Bloom argumenta que como Elizabeth as grandes heroínas de Austen possuem tanta liberdade interior que suas individualidades não podem ser reprimidas. Logo, a arte de Jane como romancista não está em se preocupar muito com a gênese sócio-econômica dessa liberdade interior. Nas obras de Jane, a ironia torna-se o instrumento da invenção, que o Dr. Johnson definiu como a essência da poesia. Um conceito de liberdade interior que se centre na recusa a aceitar estima, exceto

de alguém a quem se conferiu estima, é um conceito do mais alto grau de ironia. Jane se tornou uma mestra tão consciente que parece ter mudado a natureza do querer, como se também o querer pudesse ser persuadido a tornar-se um ato mais raro, mais desinteressado, do eu.

Outrossim, Bloom (2001) destaca que embora as afinidades ostensivas de Jane Austen continuassem com a Era Aristocrática, sua autenticidade como escritora a levou para bem perto da incipiente Era Democrática, ou romantismo. O crítico cita a observação de Stuart Tave ao comparar Wordsworth e Jane Austen, se referindo aos dois como poetas do casamento, pois ambos possuíam um senso de dever compreendido e profundamente sentido pelos que vêm a integridade e a paz de suas próprias vidas como essencialmente ligadas às vidas dos outros, e as vidas de todos numa ordem mais que meramente social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As investigações sobre a historiografia literária referente aos escritores Machado de Assis e Jane Austen não se esgotam aqui neste artigo. Acredita-se que o que é apresentado por esse trabalho possibilita o despertar

das reflexões para se desenvolver uma análise comparatista das obras *Orgulho e Preconceito* e *Iaiá Garcia*.

Sabe-se que Machado e Austen se distanciam no tempo, com uma diferença de quase um século, e no espaço, por pertencerem a culturas tão distintas entre si. A Inglaterra sempre foi reconhecida por ser o berço das vanguardas européias que influenciariam depois de décadas o Brasil que naquele momento do Romantismo fora sempre considerado um país subjugado, explorado e à mercê de uma elite social que valorizava o estrangeiro.

Contudo, nota-se nessas poucas linhas de estudo que as obras de Machado de Assis e Jane Austen podem ser aproximadas em alguns pontos, tais como o estilo: a marca da ironia nas relações dialógicas entre os personagens. Vale agora aprofundar a análise e identificar a movimentação das temáticas (do casamento, do conflito doméstico, do comportamento da mulher) na literatura inglesa no romance *Orgulho e Preconceito* e na literatura brasileira em *Iaiá Garcia*.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. *Pride and Prejudice*. Great Britain: Penguin Books, 1994.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.

MACHADO DE ASSIS. *Iaiá Garcia*. São Paulo: Edigraf, 1963.

MALLARD, Leticia. *110 anos de crítica literária*. Disponível online no endereço: <http://www.academia.org.br/abl/media/RB52%20-%20PROSA-03.pdf> acesso em 30/09/2008.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Edusp, 2000.

RUOFF, Gene W. Romanticism rediscovers Austen. A book review of PFAU, Thomas. & Cleckner, Robert E. *Lessons of Romanticism: a critical companion*. *JASNA News* v. 15, no. 3, Winter 1999, p. 24.

ZIBERMAN, Regina. Antonio Candido e o projeto de Brasil. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.9, 2006.

Artigo recebido em: 27/10/2009

Aprovado para publicação em: 20/11/2009